

Secretaria da Educação do Estado do Ceará

SEDUC-CE

Professor Nível A - Especialidade: Filosofia

Edital Nº 030/2018 – SEDUC/SEPLAG, de 19 de Julho de 2018

JL0103-2018

DADOS DA OBRA

Título da obra: Secretaria da Educação do Estado do Ceará - SEDUC - CE

Cargo: Professor Nível A - Especialidade: Filosofia

(Baseado no Edital N° 030/2018 – SEDUC/SEPLAG, de 19 de Julho de 2018)

- Conhecimentos Específicos

Autora

Silvana Guimarães

Gestão de Conteúdos

Emanuela Amaral de Souza

Diagramação/ Editoração Eletrônica

Elaine Cristina

Igor de Oliveira

Ana Luiza Cesário

Thais Regis

Produção Editorial

Suelen Domenica Pereira

Julia Antoneli

Leandro Filho

Capa

Joel Ferreira dos Santos

SUMÁRIO

Conhecimentos Específicos

1 A emergência da filosofia grega.	01
1.1 Filosofia e a cidade.	01
1.2 Filosofia e a democracia.	01
1.3 Filosofia e a universalização da palavra.	01
1.4 Filosofia, verdade e argumentação.	01
2 Filosofia e os conhecimentos tradicionais (narrativas/mitos).....	08
2.1 Filosofia e a consciência cotidiana.	08
2.2 Filosofia, a arte e as ciências.	08
3 Filosofia e ação.	15
3.1 Moral, ética e política.	15
3.2 Filosofia, ética e felicidade (Platão, Aristóteles, Agostinho de Hipona e Spinoza).	15
3.3 Ética, autonomia da razão e dignidade (Kant).	15
3.4 Crítica e genealogia da moral (Nietzsche).	15
3.5 Contextualização histórica dessas questões e principais argumentos.	15
4 Filosofia e conhecimento científico.	34
4.1 Racionalismo (Descartes) e empirismo (Bacon).	34
4.2 Filosofia, Ciência e técnica (Descartes, Bacon).	34
4.3 Filosofia e crítica da técnica (Heidegger, Benjamin).	34
4.4 Contextualização histórica dessas questões e principais argumentos.	34
5 Filosofia e experiência estética.	62
5.1 Arte e absoluto (Hegel), arte e afirmação da vida (Nietzsche).	62
5.2 Arte e sentido (Heidegger e Gadamer).	62
5.3 Arte e capitalismo (Benjamin, Adorno e Horkheimer).	62
5.4 Contextualização histórica dessas questões e principais argumentos.	62
6 Ensino de Filosofia no Ensino Médio: determinações legais.....	72
7 Reflexões acerca do ensino de Filosofia no Ensino Médio.	72
7.1 Ensino de Filosofia e interdisciplinaridade.	72
7.2 Estratégias didáticas e a seleção de conteúdos.....	72
8 Competências e habilidades propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio para a Disciplina de Filosofia.....	72

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Filosofia

1 A emergência da filosofia grega.	01
1.1 Filosofia e a cidade.	01
1.2 Filosofia e a democracia.	01
1.3 Filosofia e a universalização da palavra.	01
1.4 Filosofia, verdade e argumentação.	01
2 Filosofia e os conhecimentos tradicionais (narrativas/mitos).....	08
2.1 Filosofia e a consciência cotidiana.	08
2.2 Filosofia, a arte e as ciências.	08
3 Filosofia e ação.	15
3.1 Moral, ética e política.	15
3.2 Filosofia, ética e felicidade (Platão, Aristóteles, Agostinho de Hipona e Spinoza).	15
3.3 Ética, autonomia da razão e dignidade (Kant).	15
3.4 Crítica e genealogia da moral (Nietzsche).	15
3.5 Contextualização histórica dessas questões e principais argumentos.	15
4 Filosofia e conhecimento científico.	34
4.1 Racionalismo (Descartes) e empirismo (Bacon).	34
4.2 Filosofia, Ciência e técnica (Descartes, Bacon).	34
4.3 Filosofia e crítica da técnica (Heidegger, Benjamin).	34
4.4 Contextualização histórica dessas questões e principais argumentos.	34
5 Filosofia e experiência estética.	62
5.1 Arte e absoluto (Hegel), arte e afirmação da vida (Nietzsche).	62
5.2 Arte e sentido (Heidegger e Gadamer).	62
5.3 Arte e capitalismo (Benjamin, Adorno e Horkheimer).	62
5.4 Contextualização histórica dessas questões e principais argumentos.	62
6 Ensino de Filosofia no Ensino Médio: determinações legais.....	72
7 Reflexões acerca do ensino de Filosofia no Ensino Médio.	72
7.1 Ensino de Filosofia e interdisciplinaridade.	72
7.2 Estratégias didáticas e a seleção de conteúdos.....	72
8 Competências e habilidades propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio para a Disciplina de Filosofia.....	72

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Filosofia

1. A EMERGÊNCIA DA FILOSOFIA GREGA.

1.1 FILOSOFIA E A CIDADE.

1.2 FILOSOFIA E A DEMOCRACIA.

1.3 FILOSOFIA E A UNIVERSALIZAÇÃO DA PALAVRA.

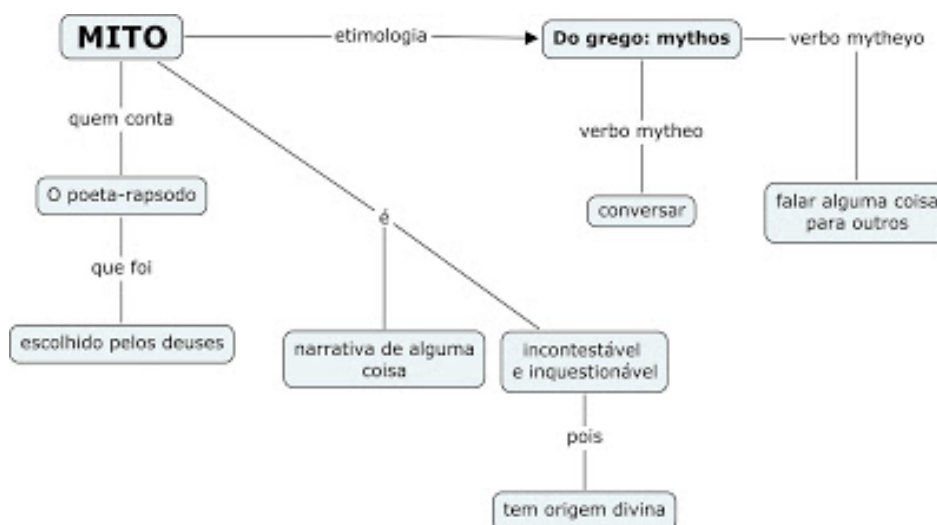
1.4 FILOSOFIA, VERDADE E ARGUMENTAÇÃO.

Os historiadores da Filosofia situam o seu nascimento no final do século VII e início do século VI antes de Cristo, nas colônias gregas da Ásia Menor, na cidade de Mileto. E aquele a quem primeiro atribuiu-se esse título foi Tales de Mileto. Em seu nascimento a filosofia caracteriza-se como uma cosmologia. A palavra *cosmologia* é composta de duas outras: *cosmos*, que significa mundo ordenado e organizado, e *logia*, que vem da palavra *logos*, que significa pensamento racional, discurso racional, conhecimento. Assim, a Filosofia nasce como conhecimento racional da ordem do mundo ou da Natureza, de onde: cosmologia. Ainda dentro deste contexto podemos dizer que a Filosofia nasceu realizando uma transformação gradual sobre os mitos gregos, embora alguns autores defendam uma ruptura radical com os mitos.

[...] o advento da filosofia, na Grécia, marca o declínio do pensamento mítico e o começo de um saber de tipo racional [...] homens como Tales, Anaximandro, Anaxímenes inauguram um novo modelo de reflexão concernente à natureza [...] da origem do mundo, de sua composição, de sua ordem, dos fenômenos meteorológicos, propõem explicações livres de toda a imaginária dramática das teogonias e cosmogonias antigas (VERNANT, 2006, p. 109)

O que é um mito? Um mito é uma narrativa sobre a origem de algo, como a origem dos deuses, dos astros, da Terra, dos homens, da água, do bem e do mal etc. e se opõe ao *logos* que é um tipo de raciocínio que “[...] procura convencer, acarretando no ouvinte a necessidade de julgar” (BRANDÃO, 1986, p. 13). A palavra *mito* vem do grego, *mythos*, e deriva de dois verbos: do verbo *mytheyo* (contar, narrar, falar alguma coisa para outros) e do verbo *mytheo* (conversar, contar, anunciar, nomear, designar). Para os gregos, mito é um discurso diferente do *logos* pois é pronunciado ou proferido para ouvintes que recebem como verdadeira a narrativa, porque confiam naquele que narra: “Acredita-se nele ou não, à vontade, por um ato de fé, se o mesmo parece “belo” ou verossímil, ou simplesmente porque se deseja dar-lhe crédito” (BRANDÃO, 1986, p. 14). As narrativas míticas gregas nos foram relatadas sobretudo por Homero e Hesíodo, o primeiro, segundo a tradição, é autor de a *Iliada* e a *Odisséia*, enquanto que o segundo é autor de *Teogonia* e *Os trabalhos e os dias*.

Quem narra o mito? O poeta-rapsodo. Quem é ele? Por que tem autoridade? Acredita-se que o poeta é um escolhido dos deuses, que lhes mostram os acontecimentos passados e permitem que ele veja a origem de todos os seres e de todas as coisas para que possa transmiti-la aos ouvintes. Sua palavra - o mito - é sagrada porque vem de uma revelação divina. O mito é, pois, incontestável e inquestionável. Como exemplo dessas narrativas temos o titã Prometeu, que roubou uma centelha de fogo e a trouxe de presente para os humanos. Prometeu foi castigado (amarrado num rochedo para que as aves de rapina, eternamente, devorassem seu fígado) e os homens também. Qual foi o castigo dos homens? Os deuses fizeram uma mulher encantadora, Pandora, a quem foi entregue uma caixa que conteria coisas maravilhosas, mas nunca deveria ser aberta. Pandora foi enviada aos humanos e, cheia de curiosidade e querendo dar a eles as maravilhas, abriu a caixa. Dela saíram todas as desgraças, doenças, pestes, guerras e, sobretudo, a morte. Explica-se, assim, a origem dos males no mundo.



Disponível em: [Blog Filosofando e Historiando](#) (Acessado em 27/01/2016)

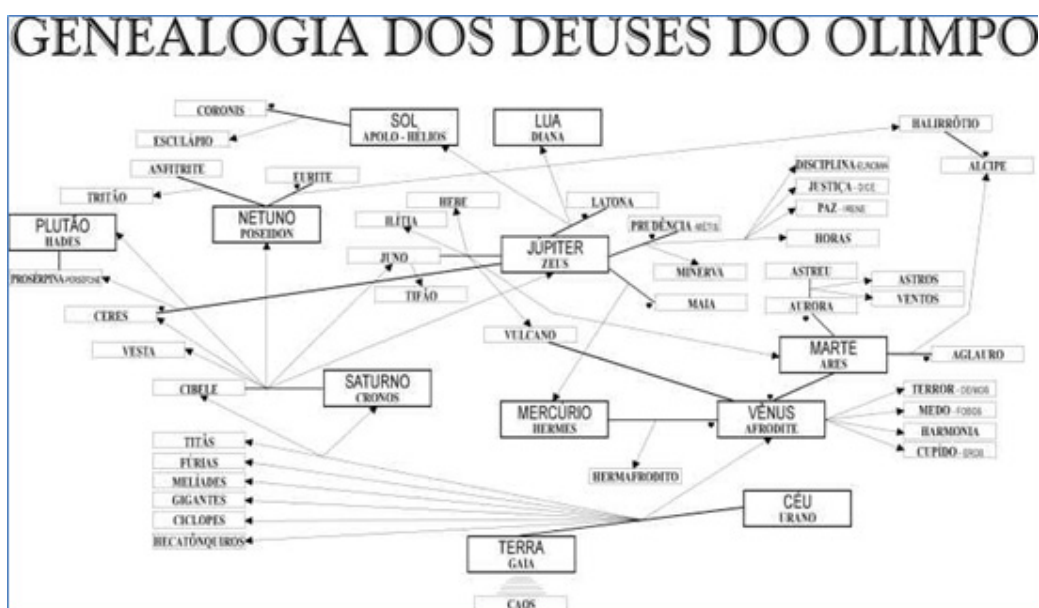
Ver também: CHAUI, 2000.

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Filosofia

Já foi há muito tempo observado que o antecedente da cosmologia filosófica é constituído pelas teogonias e cosmogonias mítico-poéticas, das quais é muito rica a literatura grega, e cujo protótipo paradigmático é a *Teogonia* de Hesíodo, a qual, explorando o patrimônio da precedente tradição mitológica, traça uma imponente síntese de todo o material, reelaborando-o e sistematizando-o organicamente. A *Teogonia* de Hesíodo narra o nascimento de todos os deuses; e, dado que alguns deuses coincidem com partes do universo e com fenômenos do cosmo, além de teogonia ela se torna também cosmogonia, ou seja, explicação da gênese do universo e dos fenômenos cósmicos.

Hesíodo imagina ter tido, aos pés do Hélicon, na Beócia, uma visão das Musas, e ter recebido delas a revelação da verdade. Em primeiro lugar, diz ele, gerou-se o Caos, em seguida gerou-se Gaia (a Terra), em cujo seio amplo estão todas as coisas, e das profundidades da Terra gerou-se o Tártaro escuro, e, por fim, Eros (o Amor) que, depois, deu origem a todas as outras coisas. Do Caos nasceram Erebo e Noite, dos quais se geraram o Eter (o Céu superior) e Emera (o Dia). E da Terra sozinha se geraram Urano (o Céu estrelado), assim como o mar e os montes; depois, juntando-se com o Céu, a Terra gerou Oceano e os rios (cf. REALE, G. História da Filosofia, vol. I.)



Disponível: Blog Casalperfeito (Acessado em 27/01/2016)

O mito narra, assim, a origem das coisas por meio de lutas, alianças e relações entre forças sobrenaturais que governam o mundo e o destino dos homens. Como os mitos sobre a origem do mundo são genealogias, diz-se que são *cosmogonias* e *teogonias*.

Considera-se, portanto, que a Filosofia, percebendo as contradições e limitações dos mitos, foi reformulando e racionalizando as narrativas míticas, transformando-as numa outra coisa, numa explicação inteiramente nova e diferente. O pensamento filosófico em seu nascimento tinha como traços principais:

- tendência à racionalidade: a razão é o critério de explicação da realidade;
- a Natureza opera obedecendo leis e princípios racionais e, portanto, pode ser conhecida pelo nosso pensamento e pela nossa razão;
- o Cosmo, entendido como ordem, é uma ordem racional; é a racionalidade deste mundo que o torna compreensível ao entendimento humano; daí, Cosmologia.

A Filosofia, entendida como aspiração ao conhecimento racional, lógico e sistemático da realidade natural e humana, da origem e causas do mundo e de suas transformações, da origem e causas das ações humanas e do próprio pensamento, é um fato tipicamente grego. Evidentemente, isso não quer dizer, de modo algum, que outros povos, tão antigos quanto os gregos, como os chineses, os hindus, os japoneses, os árabes, os persas, os hebreus, os africanos ou os índios da América não possuam sabedoria, pois possuíam e possuem. Também não quer dizer que todos esses povos não tivessem desenvolvido o pensamento e formas de conhecimento da Natureza e dos seres humanos, pois desenvolveram e desenvolvem.

Quando se diz que a Filosofia é um fato grego, o que se quer dizer é que ela possui certas características, apresenta certas formas de pensar e de exprimir o pensamento, estabelece certas concepções sobre o que sejam a realidade, o pensamento, a ação, as técnicas, que são completamente diferentes das características desenvolvidas por outros povos e outras culturas.

Em outras palavras, Filosofia é um modo de pensar e exprimir o pensamento que surgiu especificamente com os gregos e que, por razões históricas e políticas, tornou-se, depois, o modo de pensar e de se exprimir predominante da chamada cultura europeia ocidental da qual, em decorrência da colonização portuguesa do Brasil, nós também participamos. Através

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Filosofia

da Filosofia, os gregos instituíram para o Ocidente europeu as bases e os princípios fundamentais do que chamamos razão, racionalidade, ciência, ética, política, técnica, arte.

Portanto, a Filosofia surge quando alguns pensadores gregos, admirados e espantados com a realidade, insatisfeitos com as explicações que a tradição lhes dera, começaram a fazer perguntas e buscar respostas para elas, demonstrando que o mundo e os seres humanos, os acontecimentos e as coisas da Natureza, os acontecimentos e as ações humanas podem ser conhecidos pela razão humana, e que a própria razão é capaz de conhecer-se a si mesma. A filosofia, enfim

[...] vai encontrar-se, pois, ao nascer, numa posição ambígua: em seus métodos, em sua inspiração, aparentar-se-á ao mesmo tempo às iniciações dos mistérios e às controvérsias da ágora; flutuará entre o espírito de segredo próprio das seitas e a publicidade do debate contraditório que caracterizava a atividade política [...] O filósofo não deixará de oscilar entre duas atitudes, de hesitar entre duas tentações contrárias. Ora afirmará ser o único qualificado para dirigir o Estado, e, tomando orgulhosamente a posição do rei-divino, pretenderá, em nome desse 'saber' que o eleva acima dos homens, reformar toda a vida social e ordenar soberanamente a cidade. Ora ele se retirará do mundo para recolher-se numa sabedoria puramente privada; agrupando em torno de si alguns discípulos, desejará com eles instaurar, na cidade, uma cidade diferente, à margem da primeira e, renunciando à vida pública, buscará sua salvação no conhecimento e na contemplação" (VERNANT, 2006, p. 64)

Mas a cosmologia não é a única característica principal da filosofia grega. Se num primeiro momento a filosofia surge como compreensão racional do cosmos, não é menos exato dizer que com a emergência da polis grega (as cidades-Estado), a filosofia irá mudar a sua ênfase de pesquisa, no sentido de que a problemática agora será o próprio homem, enquanto ser individual, ético e cidadão da polis.

Nesse momento, diz Jean Pierre Vernant, a Grécia está centralizada na *ágora*, espaço comum, espaço público, onde são debatidos os problemas de interesse geral. "Esse quadro urbano define efetivamente um espaço mental; descobre um novo horizonte espiritual. Desde que se centraliza na praça pública, a cidade já é, no sentido pleno do termo, uma polis" (2006, p. 51) E mais adiante:

O aparecimento da polis constitui, na história do pensamento grego, um acontecimento decisivo. Certamente, no plano intelectual como no domínio das instituições, só no fim alcançará todas as suas conseqüências; a polis conhecerá etapas múltiplas e formas variadas. Entretanto, desde seu advento, que se pode situar entre os séculos VIII e VII, marca um começo, uma verdadeira invenção; por ela, a vida social e as relações entre os homens tomam uma forma nova, cuja originalidade será plenamente sentida pelos gregos (id., ibidem, p. 53).

Nesse novo contexto, Sócrates e os Sofistas inauguram um novo momento na filosofia grega. O pensamento de Sócrates é um marco na constituição da tradição filosófica ocidental. E pode-se dizer que inaugura a filosofia clássica dando maior ênfase a problemática ético-política

e existencial, ao invés de uma maior preocupação centrada sobre a realidade natural, tal como encontramos nos filósofos pré-socráticos do período cosmológico. Essa mesma denominação, "pré-socráticos", já reflete a importância da filosofia de Sócrates como um divisor de águas. Neste período da filosofia grega (séc. V e IV a.C.), o interesse dos filósofos gira não tanto em torno da natureza, como nos pré-socráticos, mas em torno do homem e do espírito; da cosmologia passa-se para a *antropologia*, a *política* e a *moral*. Daí ser dado a esse segundo período do pensamento grego também o nome de *antropológico*, pela importância e o lugar central destinado ao homem e ao espírito no sistema do mundo, até então limitado à natureza exterior. Por outro lado, os Sofistas, contemporâneos de Sócrates, embora com visões diferentes, compartilham o interesse pela problemática ético-política, pela questão do homem enquanto cidadão da polis, que passa a se organizar politicamente no sistema que conhecemos como democracia.

Os Sofistas surgem no contexto da democracia grega e do apogeu das cidades-estados, onde as deliberações serão tomadas em reunião de cidadãos: as assembleias. Tais decisões devem ser tomadas por consenso, o que significa explicar, justificar, discutir, convencer, persuadir, além disso, o uso da linguagem, o modo de falar, do discurso, deve ser racional. Na medida em que a palavra passa a ser livre, ela se torna instrumento através do qual os indivíduos podem defender seus interesses, seus direitos e suas propostas. "O filósofo é alguém que usa a palavra. Então, o indivíduo que não se interessa pela palavra, que a utiliza de um modo apenas pragmático, do tipo 'me passe o sal', que se pode fazer com ele?" (CHÂTELET, 1994, p. 29). Surge a arte do discurso, a retórica e a oratória, e os Sofistas são, precisamente, os mestres de retórica e oratória. "O que implica o sistema da polis é primeiramente uma extraordinária preeminência da palavra sobre todos os outros instrumentos de poder. Torna-se o instrumento político por excelência, a chave de toda autoridade no Estado, o meio de comento e de domínio sobre outrem" (VERNANT, 2006, p. 53). E mais adiante: "Doravante, a discussão, a argumentação, a polêmica tornam-se as regras do jogo intelectual, assim como do jogo político" (id., ibidem, p. 56). Na democracia ateniense, a função pública dos oradores torna-se fundamental e a palavra um instrumento utilizado não mais apenas por pensadores, mas também por políticos. É necessário preparar os indivíduos para a vida pública, torná-los capacitados para a virtude (aretê) política e para tal, é preciso adestrá-los na arte da persuasão através da palavra. "Na democracia, a palavra vai impor-se, e quem dominar a palavra dominará a cidade" (CHÂTELET, 1994, p. 16).

Nesse período o pensamento filosófico terá como traços principais:

- as práticas humanas, a moral, a política, dependem da vontade livre e da escolha racional segundo valores estabelecidos pelos próprios seres humanos e não por imposição divina ou sobrenatural;
- a ideia de lei como expressão da vontade humana ordenada pela razão; "A lei da polis [...] já não se impõe pela força de um prestígio pessoal ou religioso; devem mostrar sua retidão por processos de ordem dialética [do diálogo,

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Filosofia

em sentido amplo]” (VERNANT, 2006, p. 56), e, mesmo que ainda concebida como sagrada, a lei se torna uma ordem racional, sujeita à discussão e modificável por decreto

- O discurso político – a vida política grega –, ao valorizar o pensamento racional, cria condições para valorizar o discurso filosófico, enquanto arte retórica, oratória e objeto de debate público – um combate de argumentos cuja arena é a *ágora*, praça pública, lugar de reunião entre os cidadãos.

A filosofia e a cidade

O nascimento da filosofia está vinculado a surgimento da polis. Esta por sua vez, transformou a vida social e as relações humanas, marcando um novo começo para o pensamento. O processo de nascimento da filosofia não aconteceu de repente, houve um processo que levou séculos, passando por acontecimentos marcantes como: a invenção da escrita, da moeda, da lei escrita, do surgimento do cidadão da polis e a consolidação da democracia.

Com o surgimento da escrita, os escritos passam a ter uma disponibilidade maior sendo divulgados em praça pública, assim sujeito a discussão e a crítica. A escrita então gera uma nova mentalidade, pois exige de quem escreve uma postura diferenciada de quem apenas fala, necessitando uma maior clareza e rigor.

O surgimento da moeda por volta do século VII a.c, também foi outro fator de peso para o desenvolvimento da filosofia, pois com a mesma os produtos passam a ter valor de troca, transformando-se em mercadoria, revertendo seus benefícios para a própria comunidade. Esse efeito de democratização de um valor acaba remetendo a moeda a sobrepor aos símbolos sagrados e afetivos o caráter racional de sua concepção. Essa convenção humana dava medida comum a valores diferentes vinculando o nascimento do pensamento racional crítico.

Com a lei escrita começa-se a sinalizar uma nova era: a justiça, que até então dependente da interpretação da vontade divina ou da arbitrariedade dos reis, tornou-se codificada numa legislação escrita. Regra comum a todos, norma racional, sujeita à discussão e à modificação, a lei escrita passou a encarnar uma dimensão propriamente humana.

As reformas da legislação fundaram a polis sobre nova base: a antiga organização tribal foi abolida e estabeleceram-se relações que não mais dependiam da consanguinidade, mas eram determinadas por uma organização administrativa. Essas modificações expressam o ideal igualitário que preparava a democracia nascente.

É preciso enfatizar a mutação do ideal político e uma concepção inovadora de poder, a democracia. O hábito da discussão pública, na *ágora*, estimulava o pensamento racional, argumentativo, mais distanciado das tradições míticas.

A filosofia é filha da cidade, porque é justamente na polis que de certo modo culminou o seu nascimento. A *ágora* (praça pública), trás a autonomia da palavra, sem a mágica mítica, e sim com o conflito, a discussão, a argumentação humana, esses debates fazem nascer a política, permitindo ao homem tecer seu destino na esfera pública, consolidando assim o nascimento da filosofia.

Filosofia, Sociedade e Democracia

O homem é um ser que vive e se realiza através da sociedade, mas sofre com as inúmeras consequências decorrentes da mudança do/no tempo. E uma das formas de conhecimento mais antiga através da qual o homem busca explicações para a realidade social em que vive é através do conhecimento filosófico.

A despeito disto, muitos não conseguem ver a importância da filosofia. Acham que ela é inútil e não serve para nada. Não conseguem enxergar como a filosofia procura contribuir não só com o conhecimento da ciência, mas sobretudo o ensino moral, ético e social. Neste sentido podemos dizer que a Filosofia é a arte do bem viver, que estuda as paixões e os vícios humanos, na qual analisa a capacidade de nossa razão, onde impõe limite e nos ensina a viver de modo honesto e justo na companhia dos outros seres humanos.

Não existe uma única filosofia e não existe um único pensamento filosófico e talvez por isso muitas pessoas achem a filosofia algo complexo. Na filosofia não existe uma única definição, um único pensamento, mas pensamentos muitas vezes divergentes que discutem entre si, pensamentos críticos e contestatórios fazendo com que os filósofos cheguem a conclusões muitas vezes opostas uns dos outros.

Mas como sempre precisamos de uma definição, vamos utilizar algumas ideias para melhor entender a filosofia. De acordo com Chauí (2012, p. 29):

a filosofia surgiu quando alguns pensadores gregos se deram conta de que a verdade do mundo e dos humanos não era algo secreto e misterioso, que precisasse ser revelado por divindades a alguns escolhidos, mas que, ao contrário, podia ser conhecida por todos através das operações mentais de raciocínio.

E Jaspers (1992, p.138) diz que: “A filosofia entrevê os critérios últimos, a abóbada celeste das possibilidades e procura, à luz do aparentemente impossível, a vida pela qual o homem poderá enobrecer-se em sua existência empírica”. Além disso, a filosofia é compreendida como um das mais importantes contribuições da civilização grega. Uma forma racional de compreensão do real a partir da qual decorre uma forma de agir, como defende uma boa parte dos filósofos, entre eles Platão e Karl Marx por exemplo. O primeiro quando afirma que

(...) Deve-se considerar que nenhum de nós nasceu para si mesmo; a pátria reclama uma boa porção de nossa vida; outra os parentes; outra ainda, os amigos (...) Quando a pátria manda que nos ocupemos com seus assuntos, não ficaria fazer-nos de desentendidos? Desse modo só facilitaríamos o acesso de gente desqualificada, que não se aproxima dos negócios públicos com boas intenções (CARTA IX – 358 a).

E Karl Marx, quando critica os próprios filósofos, por achar que estes apenas interpretavam o mundo e o que importava era transformá-lo.

Partindo destes princípios podemos dizer então que ao compreender esse mundo real sentimos a necessidade de promover mudanças, a não ser que estejamos satisfeitos com as formas de relações sociais existentes. Mas se nos sentimos insatisfeitos devemos mudar. Por isso que a com-